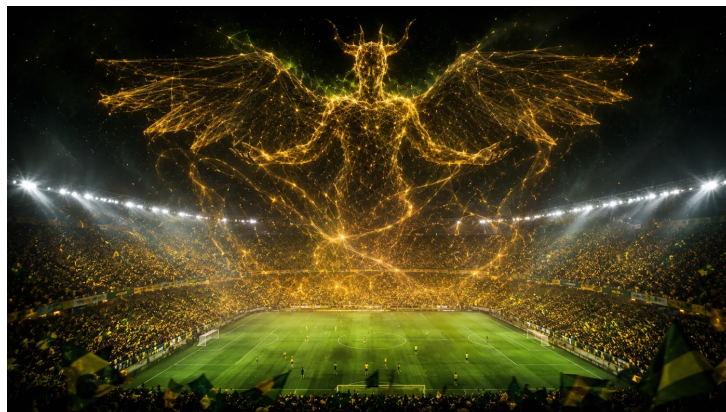


Egregora: o que a torcida brasileira realmente evoca quando grita junto

Egregora é um conceito demoníaco. Você usa ele errado e ainda acha que é espiritualidade. Nenhum pastor vai te contar a origem.

Fábio Costa · Mestre em Física, Teólogo e Magista

10 de junho de 2026



A Copa do Mundo começa e, junto com os palpites e as escalafões, vem a enxurrada de posts sobre egregoras. A egregora do Brasil está fraca. A da Argentina abafou a nossa. Fulano está mandando energia negativa para o campo. Se a torcida juntar fé, a egregora levanta e o time ganha. E, invariavelmente, alguém mais sofisticado aparece para explicar que egregora é diferente de energia, que são conceitos distintos, e fica nisso. Ninguém vai à fonte.

Sou físico e praticante de magia. Estas duas qualificações juntas tornam a conversa sobre egregora especialmente irritante, porque **erram pelos dois lados ao mesmo tempo**. O pessoal da espiritualidade usa o termo como se energia fosse uma palavra técnica com significado preciso. O pessoal da ciência descarta tudo como nonsense sem perceber que o conceito original, *antes da bagunça*, era filosoficamente coerente. Deixem-me contar a história direito.

PARTE I

A origem da egregora: o que o termo significa de fato

A palavra egregora deriva do grego *egrégoroi*, que aparece no **Livro de Enoque**, texto apócrifo judaico provavelmente redigido entre os séculos III e I a.C. Os Egregori são os Vigilantes, anjos que desceram à Terra, tomaram mulheres humanas e geraram os Nefilim. A raiz é o particípio do verbo *egreíromai*: estar desperto, vigiar.

São os que não dormem. A ideia não é de uma nuvem de emoção coletiva. É de uma **consciência autônoma que vigia, que tem agência, que é distinta das mentes que a compuseram.**

O termo chega ao ocultismo moderno pelo trabalho de **Éliphas Lévi**, pseudônimo do padre francês Alphonse Louis Constant, que o usa em *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, de 1855. Para Lévi, o egregor é uma entidade astral produzida e sustentada por um grupo humano — seja uma ordem, um povo ou uma religião — que adquire existência própria e passa a influenciar de volta os que a criaram. Repare no mecanismo: é uma via de mão dupla. O grupo alimenta o egregor com atenção, emoção e ritual. O egregor, uma vez formado, age sobre o grupo.

Não é metáfora poética. Para Lévi, que vivia dentro de um paradigma neoplatônico, era uma descrição literal de como a realidade imaterial se organiza. **O egregor tem personalidade, tem intenção, tem algo que se aproxima de vontade.** É uma entidade, não uma atmosfera. É um ser, não uma frequência. E essa distinção é tudo.

Nada nessa descrição usa a palavra energia. Nada nessa descrição implica que você pode contribuir para um egregor nacional por meio de um story com a bandeira do Brasil e um emoji de fogo.

Blavatsky e o erro que contaminou tudo

Helena Petrovna Blavatsky publicou *A Doutrina Secreta* em 1888. O livro é uma tentativa monumental — e genuinamente ambiciosa — de reconciliar o ocultismo com o vocabulário científico da era vitoriana. O problema é que **a física de 1888 era a física antes de Einstein e antes da mecânica quântica**. O éter ainda existia como substância. A força vital era debatida em laboratório. A palavra energia estava sendo formalizada pela termodinâmica e carregava uma aura de novidade e prestígio intelectual que Blavatsky soube farejar.

Ela queria que a Teosofia soasse rigorosa. Então trocou os termos neoplatônicos e cabalísticos por um vocabulário pseudocientífico. Planos de existência viraram planos de vibração. Influências espirituais viraram correntes de energia. E o egregor, que em Lévi era uma entidade com forma e intenção, começa a ser descrito como uma *acumulação de energia mental ou astral*. A entidade some. Fica a névoa. O que era um ser vira um campo. O que tinha vontade vira frequência.

O resultado é que o conceito perdeu sua parte mais densa e operacional e ganhou uma vagueza que permite encaixar qualquer coisa. **Energia é a palavra perfeita para quem quer parecer profundo sem se comprometer com nada**, porque ninguém te cobra a definição. Blavatsky não ignorava física. Ela a usava mal, de propósito, para dar verniz científico a uma cosmologia

que não precisava dele e ficou menor por causa disso.

O ocultismo perdeu precisão no exato momento em que tentou ganhar respeitabilidade. É o tipo de negócio que não funciona: você abre mão do que tinha para receber o que nunca vai conseguir. A Teosofia não virou ciência. Mas o dano conceitual ficou. E se alastrou por cem anos de new age, esoterismo de livraria e, mais recentemente, Instagram com fundo preto e fonte dourada.

Uma consciência coletiva com existência autônoma, forma definida no plano astral e capacidade de agir sobre as mentes que a sustentam. Precisa de **ritual deliberado, atenção concentrada e continuidade temporal** para se formar. Comparável a um ser espiritual de natureza parasitária ou simbiótica dependendo do uso.

Uma nuvem de força mental coletiva que se acumula em torno de um grupo ou ideia. Sem forma precisa, sem agência própria, sem mecanismo de interação claro. Útil como metáfora. **Inútil como ferramenta operacional.** Altamente comercializável como produto espiritual.

Uma sensação coletiva que você fortalece mandando boas vibrações, usando cristais ou evitando negatividade. Mistura de Blavatsky com autoajuda, física quântica mal compreendida e ansiedade performática. **Não deriva de nenhuma tradição com coerência interna.** Deriva do mercado.

O que a torcida da Copa realmente faz

Voltemos ao estádio. Oitenta mil pessoas cantam o mesmo hino, vestem a mesma cor, cravam a atenção no mesmo foco durante duas horas. O que acontece ali? Psicologicamente, o fenômeno é real e bem descrito. Jung chamou de *participação mística* o estado em que a fronteira entre o eu individual e o grupo se dissolve temporariamente. Gustave Le Bon, antes dele, documentou a psicologia das multidões em 1895: o indivíduo dentro de uma massa assume uma identidade coletiva, seus limites de julgamento se alteram, ele age de formas que jamais agiria sozinho. A torcida não é uma soma de pessoas. **É um organismo diferente, com dinâmica própria.**

O conceito original do egregor — o de Lévi — captura algo real nessa descrição. Existe ali uma entidade psíquica coletiva que se forma, ganha consistência, alimenta-se da atenção dos participantes e os influencia de volta. Quem já esteve num estádio com o time ganhando sabe que a experiência não é a soma de alegrias individuais. É outra coisa. Maior, com sabor diferente, com um peso que some quando você sai do estádio e fica só de novo.

Mas o egregor da seleção não manda chute. Não interfere na bola. Não altera a física do gramado. O que ele faz, se a descrição de Lévi for levada a sério, é agir sobre as mentes dos participantes, inclusive os jogadores, alterando estados emocionais, coesão e limiar de ansiedade. A diferença importa: coloca o fenômeno no

lugar certo. Psicologia coletiva, não intervenção sobrenatural na trajetória de um objeto de couro.

E aqui está a ironia mais grossa de toda a conversa sobre egregora na Copa: **a torcida que vai ao estádio, que ritualiza, que se veste, que canta em coro repetido, que direciona atenção coletiva de forma disciplinada, está mais próxima do mecanismo real do que qualquer pessoa postando um coração verde e amarelo de casa.** O ritual presencial tem mais relação com o conceito original do que toda a mobilização digital somada. O que o ocultismo clássico chama de egregor precisa de corpo no espaço, de voz no ar, de repetição no tempo. Precisa, em outras palavras, de ir ao jogo.

PARTE IV

O choque de egregoras: a doidice mais compartilhada

Agora chegamos ao ponto favorito das redes durante a Copa: o *choque de egregoras*. Brasil contra Argentina é um choque de egregoras. A egregora argentina é mais forte porque eles acreditam mais. A nossa foi enfraquecida pelo pessimismo da torcida. Alguém sempre acrescenta que você precisa cuidar da sua energia antes do jogo para não contaminar o campo vibratório coletivo.

O problema dessa narrativa não é que ela seja espiritual. O problema é que ela é **espiritualmente imprecisa, sem genealogia e sem coerência interna.** Um egregor, na tradição que lhe deu origem, não é uma bexiga que murcha quando você fica triste e enche quando você posta story. É uma entidade que se forma

por concentração deliberada, sustentada e ritualizada de atenção ao longo do tempo. A diferença entre uma torcida fazendo um ritual coletivo e um usuário mandando energia pelo celular é a mesma diferença entre uma missa e uma pessoa pensando que vai à missa enquanto dorme.

E o choque em si — a ideia de que dois egregores se encontram e disputam no plano astral enquanto os times disputam no gramado — **não tem base em nenhuma tradição ocultista séria.** Lévi não descreve egregores em combate. John Dee não descreve isso. A Golden Dawn não descreve isso. A ideia de que as torcidas travam uma batalha espiritual paralela é um produto do século XXI com estética de série de fantasia e zero genealogia doutrinária.

Você quer saber qual tradição descreve entidades antagônicas disputando o destino de nações por meio de representantes humanos? O Livro de Daniel, capítulo 10, com os príncipes espirituais de Pérsia e Grécia em guerra no plano celestial enquanto os exércitos se movem no terreno. Mas isso é angelologia judaica, não ufologia do futebol. E ninguém cita Daniel quando fala da egregora da seleção, porque citar Daniel exigiria conhecer Daniel, e conhecer Daniel exigiria ter lido algo além de post de Instagram.

Por que a confusão persiste e quem lucra com ela

A palavra *energia* tem um poder retórico imenso porque pertence simultaneamente ao vocabulário da física e ao vocabulário do senso comum. Na física, energia tem definição precisa: é a capacidade de realizar trabalho, medida em joules, conservada em sistemas fechados, transformável mas não criável nem destruível. No senso comum, energia é qualquer coisa que você sente mas não sabe nomear: disposição, influência, atmosfera, vibe. Quando alguém diz que a torcida mandou energia positiva para o campo, está usando a palavra no segundo sentido **mas emprestando o prestígio do primeiro. É um cheque sem fundo com assinatura de físico.**

Capacidade de realizar trabalho. Medida em joules. Conservada em sistemas fechados. **Transformável, não criável nem destruível.** Completamente indiferente à intenção humana, ao estado emocional do torcedor ou ao placar do jogo.

Qualquer influência imaterial que você sente mas não consegue medir. **Vaga o suficiente para nunca ser refutada,** específica o suficiente para ser vendida em curso, cristal, consulta e livro de autoajuda com capa de veludo.

Flutua entre os dois sentidos conforme a necessidade. Quando questionado pela ciência, *diz que é espiritual, não físico*. Quando questionado pela tradição, diz que é científico. A ambiguidade é o produto. **A imprecisão é o**

modelo de negócio.

O ocultismo popular da Copa faz exatamente isso. Usa *egregora* com a autoridade de uma palavra antiga e iniciática. Usa *energia* com a autoridade de uma palavra científica. Mistura os dois e vende o resultado como espiritualidade avançada para quem nunca leu Lévi, nunca leu Blavatsky de verdade e muito menos leu um livro de física. O mercado funciona na exata proporção do analfabetismo nas três áreas ao mesmo tempo.

P A R T E V I

O que fazer com o conceito quando a Copa acabar

O egregor como entidade psíquica coletiva com agência própria é um conceito com utilidade real, tanto para a psicologia quanto para a prática mágica. Jung foi até o fim da vida fascinado pelo que chamou de inconsciente coletivo: a ideia de que existe uma camada de psique que não pertence ao indivíduo, mas ao grupo, ao povo, à espécie. O egregor de Lévi é a descrição operacional do mesmo fenômeno vista de dentro da tradição ocultista. São perspectivas diferentes sobre o mesmo objeto real.

O que não tem utilidade é a versão new age do egregor como névoa de emoção coletiva que você manipula pensando positivo e postando story. Isso não descreve nada com precisão. Não tem mecanismo. Não tem consequência testável. **Não tem genealogia intelectual honesta.** É conforto emocional disfarçado de doutrina, e o disfarce fica evidente quando a seleção perde mesmo com a torcida mandando toda a energia do universo.

A pergunta certa, depois de cada Copa, nunca é se a egregora estava forte. É outra, mais incômoda: **o que acontece com a identidade coletiva de um país quando ela se cristaliza ao redor de onze homens chutando uma bola?** Que tipo de entidade estamos construindo quando transformamos um esporte numa teologia nacional?

Quanto dessa atenção, se direcionada de forma consciente e deliberada, construiria algo que durasse além do apito final? Que tipo de egregor nacional você alimentaria se usasse a mesma intensidade emocional da Copa para um projeto coletivo real?

Isso é uma pergunta de magista. E não tem absolutamente nada a ver com energia.

Referências e leituras

Livro de Enoque — *Os Vigilantes (Egregori)*, caps. 1-36
(aprox. séc. III-I a.C.)

Éliphas Lévi (Alphonse Louis Constant) — *Dogme et Rituel de la Haute Magie* (1855-1856)

Helena Petrovna Blavatsky — *A Doutrina Secreta*, vols. I e II (1888)

Helena Petrovna Blavatsky — *Ísis sem Véu* (1877)

Carl Gustav Jung — *Psicologia do Inconsciente* (1912)

Carl Gustav Jung — *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (1954)

Gustave Le Bon — *Psychologie des foules* (1895)

Rudolf Steiner — *A Filosofia da Liberdade* (1894) — sobre entidades grupais na Antroposofia

Israel Regardie — *The Golden Dawn* (1937) — ausência do conceito de choque de egregores

Dion Fortune — *Psychic Self-Defense* (1930) — entidades psíquicas coletivas

Rudolf Clausius — fundamentos da termodinâmica e conservação de energia (1850)

Observação metodológica. Este PDF é gerado a partir do mesmo texto publicado em profabio.com.br. Analogia não é prova: as aproximações entre domínios servem para orientar a investigação, não para encerrá-la.

Versão canônica e atualizada:

<https://profabio.com.br/heresias/egregora-copa-torcida-brasileira>
profabio.com.br